

TWISTED LOYALTIES

*His movements were grace and brutality;
his body a testament to his convictions.*

Cora Reilly



Cora Reilly

#1 Twisted Loyalties

Série Camorra Chronicles



Tradução Mecânica: Chloe

Revisão Inicial: Chloe, Si, Syd Hart, Pamela

Revisão Final: Lala

Leitura: Aurora

Data: 02/2019

Twisted Loyalties Copyright © 2018 Cora Reilly

SINOPSE

Fabiano foi criado para seguir os passos de seu pai como Consigliere da Outfit - até que seu pai o abandona. Deixado para se defender, Fabiano é forçado a lutar por um lugar no mundo da máfia. Como um lutador de rua implacável, ele rapidamente ganha seu lugar como o novo Executor da Camorra de Las Vegas - um homem a temer.

Leona quer construir uma vida decente para si mesma, longe de sua mãe viciada em drogas. Mas logo chama a atenção de um homem perigoso - Fabiano Scuderi. Ficar longe de problemas e viver uma vida normal é quase impossível com um homem como ele.

Leona sabe que precisa evitar Fabiano, mas homens como ele não são fáceis de se livrar.

Eles sempre conseguem o que querem.

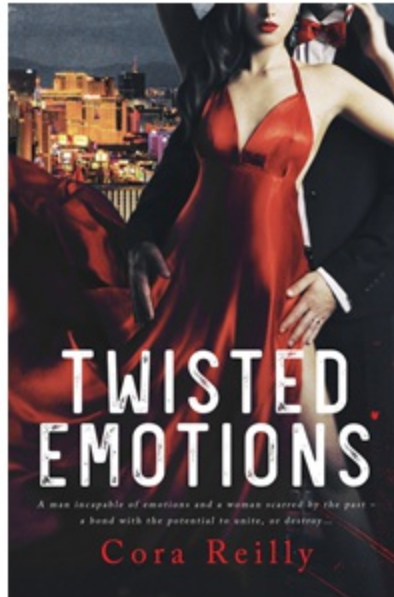
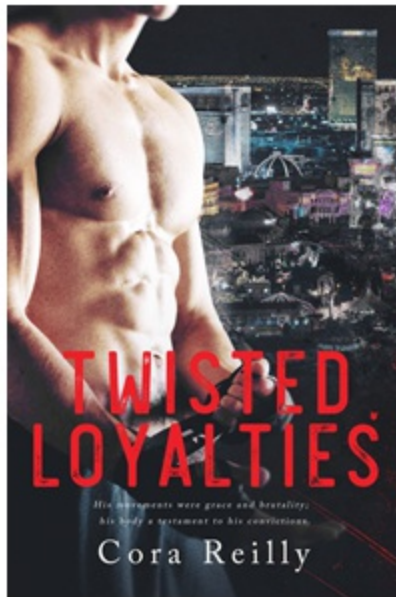
Fabiano se preocupa com apenas uma coisa: a Camorra. Mas sua atração por Leona logo coloca sua lealdade inabalável a teste.

Por Leona vale a pena arriscar tudo pelo que ele lutou e, por fim, sua vida?

A SÉRIE

Série Camorra Chronicles

Cora Reilly



Prólogo

NEW YORK

Território Famiglia

Luca foi Capo por mais de dez anos, mas as coisas nunca tinham estado mais fodidas do que estavam agora. Ele estava empoleirado na beira da larga escrivaninha de mogno enquanto examinava o mapa amassado que mostrava os limites de seu território. Sua Famiglia ainda controlava toda a extensão da Costa Leste, do Maine à Geórgia. Nada mudou em décadas. A Camorra, no entanto, estendeu seu território para muito além de Las Vegas, no leste, tendo conquistado Kansas City dos russos apenas recentemente. Remo Falcone estava começando a ficar muito confiante. Luca tinha um pressentimento de que seu próximo passo seria um ataque ao território da Outfit ou Famiglia. Agora ele tinha que garantir que Falcone mirasse as cidades de Dante Cavallaro e não as dele. A guerra entre Famiglia e Outfit já havia matado muitos de seus homens. Outra guerra com a Camorra os esmagaria. — Eu sei que você não gosta da ideia, — ele murmurou para seu soldado.

Growl assentiu. — Eu não gosto, mas não estou em posição de lhe dizer o que fazer. Você é o Capo. Só posso dizer o que sei sobre a Camorra e não é bom.

— E daí? — Matteo, irmão de Luca e seu braço direito, perguntou com um encolher de ombros, girando a faca entre os dedos. — Nós podemos lidar com eles.

Uma batida soou e Aria entrou no escritório que ficava no porão do clube de Luca, o Sphere. Ela ergueu as sobrancelhas loiras com curiosidade, imaginando por que o marido a chamara. Ele normalmente lidava com os negócios sozinho. Matteo e Grawl já estavam lá dentro, e Luca ergueu sua estrutura alta de onde estava inclinado contra a mesa quando ela entrou. Ela foi até ele e beijou seus lábios, em seguida, perguntou.

— O que há de errado?

— Nada, — disse Luca com naturalidade. Algo em seu rosto estava estranho, no entanto. — Mas nós contatamos a Camorra para negociar.

Aria olhou para Grawl. Ele havia fugido de Las Vegas seis anos antes, depois de matar o Capo da Camorra, Benedetto Falcone. Pelo que ele havia dito, a Camorra era muito pior que a Outfit ou a Famiglia. Eles ainda lidavam com escravidão sexual e sequestro, além do habitual negócio de drogas, cassinos e prostituição. Mesmo no mundo da máfia, eles eram considerados encrenca. — Você contatou?

— A luta com a Outfit está nos enfraquecendo. Com a Bratva já invadindo nosso território, temos que ter cuidado. Não podemos arriscar a Outfit forjar um acordo com a Camorra antes de termos a chance. Se eles lutarem juntos, estaremos em apuros.

Culpa encheu Aria, ela e suas irmãs eram a razão pela qual a trégua entre a Outfit de Chicago e a Famiglia de New York havia acabado. Seu casamento com Luca deveria criar um vínculo entre as duas famílias, mas quando sua irmã mais nova, Liliana, fugiu de Chicago para se casar com o soldado de Luca, Romero, o chefe da Outfit, Dante Cavallaro, declarou guerra a eles. Ele não poderia ter reagido de outra maneira.

— Você acha que eles vão mesmo considerar falar conosco? — Aria perguntou. Ela ainda não tinha certeza do porque estava aqui em primeiro lugar. Ela não tinha nenhuma informação útil sobre a Camorra.

Luca assentiu. — Eles enviaram um dos seus para falar conosco. Ele estará aqui em breve. — Algo em sua voz, uma leve tensão e preocupação, arrepiaram os pelos em seu pescoço.

— Eles estão correndo um grande risco enviando alguém. Eles não sabem se ele vai voltar vivo — Aria disse surpresa.

— Uma vida não é nada para eles, — Growl murmurou. — E o Capo não enviou um de seus irmãos. Ele enviou seu novo executor.

Aria não gostou do jeito que Luca, Matteo e Growl estavam olhando para ela.

— Eles acham que ele será poupado, — disse Luca. — Porque é seu irmão.

O chão se abriu sob os pés de Aria e ela agarrou a borda da mesa. — Fabi? — Ela sussurrou. Ela não o via ou falava com ele há muitos anos. Desde que a guerra foi declarada, não lhe permitiram entrar em contato com o irmão. Seu pai, o Consigliere da Outfit, tinha se certificado disso.

Ela fez uma pausa em seus pensamentos. — O que Fabi está fazendo com a Camorra? Ele é um membro da Outfit. Ele deveria substituir meu pai como Consigliere um dia.

— Ele deveria, sim, — disse Luca, trocando um olhar com os outros homens. — Mas seu pai tem dois filhos mais novos com sua nova esposa e aparentemente um deles se tornará

Consigliere. Não sabemos o que aconteceu, mas por algum motivo Fabiano desertou para a Camorra e, por algum motivo, eles o acolheram. É difícil conseguir informações válidas sobre o assunto.

— Eu não posso acreditar. Eu vou ver meu irmão novamente. Quando? — Ela perguntou ansiosamente. Ele era quase nove anos mais novo, e ela o criou até que teve que se casar com Luca e sair de Chicago.

Growl balançou a cabeça com uma careta.

Luca tocou o ombro de Aria. — Aria, seu irmão é o novo Executor da Camorra.

Demorou alguns segundos para a informação penetrar. Os olhos de Aria se voltaram para Growl. Ele ainda a assustava com suas tatuagens e cicatrizes, com a escuridão persistente em seus olhos. E ela não se assustava facilmente, não sendo casada com Luca.

Growl fora o Executor da Camorra quando Benettone Falcone era Capo. E agora que o filho de Falcone havia tomado o poder, Fabi assumiu o papel. Ela engoliu em seco. *Executor*. Eles faziam o trabalho sujo. O trabalho sangrento. Eles se certificavam de que as pessoas obedecessem, e se não o fizessem, os Executores asseguravam que seu destino fosse um aviso para qualquer um considerando o mesmo.

— Não, — ela disse suavemente. — Não Fabi. Ele não é capaz desse tipo de coisa. — Ele tinha sido um menino carinhoso e gentil, sempre tentando proteger suas irmãs.

Matteo deu-lhe um olhar que dizia que ela estava sendo ingênua. Ela não se importou. Ela queria ser ingênua se isso significasse manter a memória de seu irmãozinho carinhoso e

engraçado. Não queria imaginá-lo como qualquer outra coisa.

— O irmão que você conheceu não será o irmão que verá hoje. Será outra pessoa. Aquele menino que você conheceu está morto. Ele tem que estar. A execução não é um trabalho para os bondosos. É um trabalho cruel e sujo. E a Camorra não demonstra piedade pelas mulheres como é hábito em Nova York ou Chicago. Eu duvido que isso tenha mudado. Remo Falcone é um filho da puta cruel como seu pai, — Grawl disse em sua voz rouca.

Aria olhou para Luca, esperando que ele desmentisse o que seu soldado disse. Ele não fez isso. Algo em Aria quebrou. — Eu não posso acreditar. Não quero, — disse ela. — Como ele pode ter mudado tanto?

— Ele está aqui, — um dos homens de Luca os informou. — Mas ele se recusa a entregar suas armas.

Luca assentiu. — Não importa. Estamos em maior número. Deixe-o passar. — Então ele se virou para Aria. — Talvez descubramos hoje.

Aria ficou tensa quando os passos se aproximaram. A porta foi aberta e um homem alto entrou. Ele era quase tão alto quanto Luca. Não tão grande, mas musculoso. Uma tatuagem espreitava sob as mangas da camisa enroladas. Seu cabelo loiro escuro era curto nas laterais e levemente mais comprido em cima, e seus olhos azuis como gelo...

Frio, calculista, cauteloso.

Aria não tinha certeza se o teria reconhecido na rua. Ele não era mais um menino, era um homem. Não só pela idade. Seus olhos pousaram nela. O sorriso do passado não veio, embora o reconhecimento brilhasse em seus olhos. Deus, não havia mais nada do garoto alegre que ela lembrava. Mas

ele era seu irmão. Sempre seria. Foi tolice, mas ela correu em direção a ele, ignorando o aviso de Luca.

Seu irmão ficou tenso quando ela jogou os braços ao redor dele. Ela podia sentir as facas presas nas suas costas, as armas no coldre em volta do seu peito. Ela sabia que havia mais armas em seu corpo. Ele não a abraçou de volta, mas uma de suas mãos segurou seu pescoço. Aria olhou para ele então. Ela não esperava ver raiva em seus olhos antes que ele voltasse seu foco para Luca e os outros homens na sala. — Não há necessidade de empunhar as armas, — disse ele com uma pitada de diversão fria. — Não viajei essa distância toda para machucar minha irmã.

Seu toque no pescoço dela parecia menos um gesto de familiaridade do que uma ameaça.

Os dedos de Luca se fecharam ao redor de seu braço e ele a puxou de volta. Fabiano seguiu a cena com humor negro em seus olhos. Ele não se moveu um centímetro.

— Meu Deus, — Aria sussurrou com voz embargada. — O que aconteceu com você?

Um sorriso predatório curvou seus lábios.

Não era mais Fabi.

Esse homem na frente dela era alguém a temer.

Fabiano Scuderi.

Executor da Camorra.

Capítulo Um

O passado:

Fabiano

Eu me enrolei em mim mesmo. Eu não reagi. Eu nunca o fiz.

Papai grunhiu pelo esforço de me bater. Soco após soco. Minhas costas. Minha cabeça. Meu estômago. Criando novas contusões, despertando velhas contusões. Ofeguei quando a ponta do sapato dele atingiu meu estômago e tive que engolir a bile. Se eu vomitasse, ele só me bateria mais. Ou pegaria a faca. Estremeci.

Então os golpes pararam e eu me atrevi a olhar para cima, pisquei para clarear minha visão. Suor e sangue escorriam pelo meu rosto.

Papai olhou para mim, respirando com dificuldade. Ele limpou as mãos em uma toalha que seu soldado Alfonso lhe entregou. Talvez este tenha sido o último teste para provar meu valor. Talvez eu finalmente me torne uma parte oficial da Outfit. Um Homem Feito.

— Eu vou receber minha tatuagem? — Eu murmurei.

O lábio do pai se curvou. — Sua tatuagem? Você não fará parte da Outfit.

— Mas... — Ele me chutou de novo e eu caí de lado. Eu insisti, sem me importar com as consequências. — Mas serei

Consigliere quando você se aposentar. — *Quando você morrer.*

Ele agarrou meu colarinho e me levantou. Minhas pernas doeram quando tentei ficar de pé. — Você é um maldito desperdício do meu sangue. Você e suas irmãs compartilham os genes contaminados da sua mãe. Uma decepção após a outra. Todos vocês. Suas irmãs são prostitutas e você é fraco. Cansei de você. Seu irmão se tornará Consigliere.

— Mas ele é um bebê. Sou seu filho mais velho. — Desde que papai se casara com sua segunda esposa, ele me tratou como lixo. Achei que era para me tornar forte para minhas tarefas futuras. Fiz tudo para provar o meu valor para ele.

— Você é uma decepção como suas irmãs. Eu não vou permitir que você me envergonhe. — Ele me soltou e minhas pernas cederam.

Mais dor.

— Mas pai, — eu sussurrei. — É tradição.

Seu rosto se contorceu de raiva. — Então, teremos que nos certificar que seu irmão seja meu filho mais velho. — Ele acenou para Alfonso, que arregaçou as mangas. O primeiro soco atingiu meu estômago, então minhas costelas. Mantive meus olhos em meu pai enquanto soco após soco sacudiu meu corpo, até que minha visão finalmente ficou preta. Ele me mataria.

— Certifique-se que ele não seja encontrado, Alfonso.

Dor.

Profunda.

Eu gemi. As vibrações enviaram uma pontada nas minhas costelas. Tentei abrir meus olhos e me sentar, mas minhas pálpebras estavam coladas. Gemi novamente.

Eu não estava morto.

Por que não morri?

A esperança reascendeu.

— Pai? — Eu resmunguei.

— Cale a boca e durma, garoto. Vamos chegar em breve.

Essa era a voz de Alfonso.

Esforcei-me para sentar e abri meus olhos. Minha visão estava embaçada. Eu estava sentado no banco de trás de um carro. Alfonso se virou para mim. — Você é mais forte do que pensava. Bom para você.

— Onde? — Eu tossi, então estremei. — Onde estamos?

— Kansas City. — Alfonso conduziu o carro para um estacionamento vazio. — Parada final.

Ele saiu, abriu a porta traseira e me puxou para fora. Eu ofeguei de dor, segurando minhas costelas, então cambaleei contra o carro. Alfonso abriu a carteira e me entregou uma nota de vinte dólares. Eu peguei, confuso.

— Talvez você sobreviva. Talvez não. Suponho que agora seja o destino. Mas não vou matar um garoto de quatorze anos. — Ele agarrou minha garganta, forçando-me a encontrar seus

olhos. — Seu pai acha que você está morto, garoto, então se certifique de ficar longe do nosso território.

Seu território? Era o meu território. A Outfit era o meu destino. Eu não tinha mais nada.

— Por favor, — eu sussurrei. Ele balançou a cabeça, depois contornou o carro e entrou. Dei um passo para trás quando ele partiu, depois caí de joelhos. Minhas roupas estavam cobertas de sangue. Agarrei a nota de dólar nas palmas das minhas mãos. Isso era tudo que eu tinha. Lentamente me estiquei no asfalto frio. A pressão contra minha panturrilha me lembrou da minha faca favorita amarrada ali por um coldre. Vinte dólares e uma faca. Meu corpo doía e eu nunca quis me levantar novamente. Não havia sentido em fazer nada. Eu não era nada. Desejei que Alfonso tivesse feito o que meu pai ordenou e me matado.

Eu tossi e senti gosto de sangue. Talvez eu morresse de qualquer maneira. Meus olhos voaram ao redor. Havia um enorme grafite na parede do prédio à minha direita. Um lobo rosnando em frente a espadas.

O sinal da Bratva.

Alfonso não conseguiu me matar.

Esse lugar conseguiria. Kansas City pertencia aos russos.

O medo me instigou a levantar e partir. Eu não sabia ao certo para onde ir ou o que fazer. Eu estava todo machucado. Pelo menos não estava frio. Comecei a caminhar para procurar um lugar onde pudesse passar a noite. Por fim, me acomodei na entrada de uma cafeteria. Eu nunca estive sozinho, nunca tive que viver nas ruas. Puxei minhas pernas contra o meu peito, engoli um gemido. Minhas costelas. Elas doem ferozmente. Eu não poderia voltar para a Outfit. Papai

me mataria. Talvez pudesse tentar entrar em contato com Dante Cavallaro. Mas ele e papai trabalharam juntos por muito tempo. Eu pareço um maldito rato, um covarde e fraco.

Aria ajudaria. Meu estômago apertou. Ela ter ajudado Lily e Gianna foi a razão pela qual o pai me odiava em primeiro lugar. E correr para Nova York com o rabo entre as pernas para implorar a Luca para fazer parte da Famiglia não ia acontecer. Todos saberiam que eu tinha sido aceito por pena, não porque era um recurso digno.

Inútil.

Era isso. Estava sozinho.

Quatro dias depois. Só quatro dias. Eu estava sem dinheiro e esperança. Todas as noites voltava para o estacionamento, esperando que Alfonso voltasse, que o pai tivesse mudado de ideia, que seu último olhar impiedoso e odioso para mim tinha sido minha imaginação. Eu era um idiota de merda. E com fome.

Nenhuma comida em dois dias. Desperdicei todo o meu dinheiro no primeiro dia em hambúrgueres, batatas fritas e refrigerante.

Segurei minhas costelas. A dor tinha piorado. Tentei conseguir dinheiro batendo carteiras hoje. Escolhi o cara errado e fui espancado. Eu não sabia como sobreviver na rua. Eu não tinha certeza se queria continuar tentando.

O que eu ia fazer? Sem roupas. Sem futuro. Sem honra.

Afundi no chão do estacionamento à vista dos grafites da Bratva. Eu deitei de costas. A porta se abriu, os homens saíram e foram embora. Território de Bratva.

Estava tão cansado.

Não seria lento. A dor nos meus membros e desesperança me mantiveram no lugar. Olhei para o céu noturno e comecei a recitar o juramento que memorizei meses atrás, em preparação para o dia da minha indução. As palavras italianas saíram da minha boca, enchendo-me de perda e desespero. Repeti o juramento inúmeras vezes. Tinha sido meu destino tornar-me um homem feito.

Havia vozes à minha direita. Vozes masculinas em uma língua estrangeira.

De repente, um cara de cabelos negros olhou para mim. Ele estava machucado, não tanto quanto eu, e vestido com shorts de luta. — Eles disseram que tem um italiano louco do lado de fora do Omertá¹. Eu acho que eles se referiam a você.

Fiquei em silêncio. Ele disse 'Omertá' como eu diria, como se significasse alguma coisa. Ele estava coberto de cicatrizes. Apenas alguns anos mais velho. Dezoito talvez.

— Falar desse tipo de merda nessa área significa que você tem um desejo de morrer ou é um louco de merda. Provavelmente ambos.

— Esse juramento era a minha vida, — eu disse.

Ele encolheu os ombros, depois olhou por cima do ombro antes de se virar com um sorriso torcido. — Agora vai ser a sua morte.

Eu me sentei. Três homens em short de luta, corpos cobertos por tatuagens de lobos e Kalashnikovs², cabeças raspadas saíram de uma porta ao lado do grafite da Bratva.

Eu considerei deitar e deixá-los terminar o que Alfonso não pode.

— Que família? — O cara de cabelos negros perguntou.

— Outfit, — eu respondi, mesmo quando a palavra abriu um buraco no meu coração.

Ele assentiu. — Suponho que eles se livraram de você. Não teve bolas para fazer o que era preciso para ser um Homem Feito?

Quem era ele? — Eu tenho o que é preciso, — eu assobieei. — Mas meu pai me quer morto.

— Então prove isso. E agora levante do chão e lute. — Ele estreitou os olhos quando eu não me mexi. — Fique. De. Pé. Porra.

E eu levantei, mesmo que meu mundo girasse e tivesse que segurar minhas costelas. Seus olhos negros absorveram meus ferimentos. — Suponho que terei que lutar praticamente sozinho. Tem alguma arma?

Puxei minha faca Karambit do coldre em volta da minha panturrilha.

— Eu espero que você saiba manejar essa coisa.

Então os russos estavam em cima de nós. O cara começou uma merda de artes marciais que manteve dois dos russos ocupados. O terceiro veio na minha direção. Eu o ataquei com minha faca e errei. Ele me acertou alguns golpes que fizeram

meu peito chiar de agonia e eu caí de joelhos. Meu corpo machucado não tinha chance contra um lutador treinado como ele. Seus punhos choveram sobre mim, duros, rápidos, impiedosos. *Dor.*

O cara de cabelos negros atacou meu agressor, enfiando o joelho em seu estômago. O russo caiu para frente e eu levantei minha faca, que se enterrou em seu abdômen. O sangue escorreu pelos meus dedos e soltei o cabo como se estivesse queimado quando o russo caiu de lado, morto.

Eu olhei para a minha faca saindo de sua barriga. O cara de cabelos negros a puxou, limpou a lâmina no short do homem morto, depois estendeu para mim. — Primeiro assassinato? — Meus dedos tremiam quando a peguei, então assenti.

— Haverá mais.

Os outros dois russos também estavam mortos. Seus pescoços haviam sido quebrados. Ele estendeu a mão, que eu peguei, e me puxou para os meus pés. — Devemos sair daqui. Mais filhos da puta russos chegarão em breve. Vamos.

Ele me levou até um caminhão amassado. — Notei você se esgueirando pelo estacionamento nas últimas duas noites quando estive aqui para lutar.

— Por que você me ajudou?

Lá estava aquele sorriso torcido novamente. — Porque gosto de lutar e matar. Porque odeio a porra da Bratva. Porque minha família me quer morto também. Mas o mais importante, porque preciso de soldados leais que me ajudem a recuperar o que é meu.

— Quem é você?

— Remo Falcone. E eu serei o Capo da Camorra em breve.
— Ele abriu a porta do caminhão e já estava na metade quando acrescentou. — Você pode ajudar ou pode esperar que a Bratva te pegue.

Eu entrei. Não por causa da Bratva.

Porque Remo me mostrou um novo propósito, um novo destino.

Uma nova família.

Capítulo Dois

Leona

A janela do ônibus de Greyhound parecia pegajosa e quente, ou talvez fosse o meu rosto. A criança na fileira atrás de mim parou de chorar a dez minutos - depois de quase duas horas. Eu tirei minha bochecha do vidro, me sentindo lenta e cansada. Depois de horas, espremida no assento abafado, eu mal podia esperar para sair. Passamos pelos luxuosos subúrbios de Las Vegas com seus verdes imaculados, sempre suficientemente regados por sprinklers. Cercado pelo deserto, esse era provavelmente o sinal definitivo de riqueza. Decorações de Natal elaboradas adornavam as varandas e fachadas de casas recém-pintadas.

Essa não seria minha parada.

O ônibus se arrastava, o chão vibrando sob meus pés descalços, até que finalmente chegou naquela parte da cidade onde nenhum turista jamais pusera os pés. Os buffets “coma tudo o que puder” custam apenas US \$ 9,99 por aqui, não US \$ 59. Eu não podia pagar nenhum deles, joguei minha mochila por cima do meu ombro. Não que eu me importasse. Cresci em áreas como estas. Em Phoenix, Houston, Dallas, Austin... E vários outros lugares que eu possa contar.

Por hábito, enfiei a mão no bolso por um celular que não estava mais lá. Mamãe o vendeu por uma última dose de metanfetamina. Vendê-lo por US \$ 20 foi uma lástima, sem dúvida.

Coloquei meus chinelos, joguei minha mochila no ombro e

esperei até que a maioria das outras pessoas saísse antes de descer do ônibus, soltando um longo suspiro. O ar estava mais seco do que em Austin e alguns graus mais frio, mas ainda não frio de inverno. De alguma forma já me sentia mais livre longe da minha mãe. Esta era sua última chance na terapia. Esperava que ela tivesse sucesso. Eu fui estúpida por esperar que ela conseguisse.

— Leona? — Veio uma voz profunda de algum lugar à direita.

Eu me virei surpresa. Meu pai estava a poucos metros de mim. Cerca de trinta quilos a mais em seus quadris e menos cabelo na cabeça. Não esperava que ele viesse me pegar. Ele prometeu fazer isso, mas sabia o que uma promessa dele ou da minha mãe valia. Menos que a sujeira debaixo dos meus sapatos. Talvez ele realmente tivesse mudado como alegou?

Ele rapidamente apagou o cigarro sob os mocassins gastos. A camisa de mangas curtas esticada sobre a barriga. Havia um ar errático sobre ele que me preocupava.

Eu sorri. — A primeira e única.

Não fiquei surpresa que ele tivesse que perguntar. A última vez que o vi foi no meu décimo quarto aniversário, há mais de cinco anos. Não tinha exatamente sentido sua falta. Eu tinha perdido a ideia de um pai que ele nunca poderia ser. Ainda assim era bom vê-lo novamente. Talvez pudéssemos começar de novo.

Ele veio até mim e me puxou para um abraço desajeitado. Eu passei meus braços ao redor dele, apesar do cheiro persistente de suor e fumaça. Fazia um tempo desde que alguém me abraçou. Ele se afastou e me examinou da cabeça aos pés. — Você cresceu. — Seus olhos pararam no meu sorriso. — E suas espinhas se foram.

Já faz três anos. — Graças a Deus, — eu disse em vez disso. Ele enfiou as mãos nos bolsos, como se de repente não tivesse certeza do que fazer comigo. — Fiquei surpreso quando você ligou.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, incerta se sabia onde ele queria chegar com isso. — Você nunca fez, — eu disse, soando alegre. Eu não tinha vindo a Vegas para culpá-lo. Papai nunca foi um bom pai, mas ele tentou ocasionalmente, mesmo que sempre falhasse. A mãe e ele, ambos eram fodidos a sua própria maneira. Seus vícios sempre foram a única coisa que os impedia de cuidar de mim do jeito que deveriam. Sempre seria assim.

Ele me avaliou. — Tem certeza de que quer ficar comigo?

Meu sorriso vacilou. Era disso que se tratava tudo isso? Ele não me queria por perto? Eu realmente queria que ele tivesse mencionado isso antes de eu pagar por uma passagem para atravessar metade dos Estados Unidos. Ele disse que havia vencido seu vício, que tinha um emprego decente e uma vida normal. Queria acreditar nele.

— Não é que eu não esteja feliz em ter você comigo. Senti sua falta — ele disse rapidamente, muito rápido. Mentiras.

— Então é o quê? — Eu perguntei, tentando, mas não conseguindo esconder minha mágoa crescente.

— Não é um bom lugar para uma garota legal como você, Leona.

Eu ri. — Eu nunca vivi exatamente nas partes agradáveis da cidade, — eu disse a ele. — Eu me viro sozinha.

— Não. É diferente aqui. Acredite em mim.

— Não se preocupe. Sou boa em ficar longe de problemas. Eu tive anos de prática. — Com uma mãe viciada em metanfetamina que vendia qualquer coisa, até mesmo seu corpo, pela próxima dose, você tem que aprender a abaixar a cabeça e cuidar da sua sobrevivência.

— Às vezes, o problema encontra você. Acontece por aqui mais vezes do que você imagina. — Do jeito que ele falou, eu me preocupei que o problema fosse um convidado constante em sua vida.

Suspirei. — Honestamente, pai, eu vivi com uma mãe que passou a maior parte de seus dias desmaiada no sofá e você nunca se preocupou o suficiente para me afastar dela. Agora que estou crescida, você está preocupado que eu não possa lidar com a vida na cidade do pecado?

Ele olhou para mim como se fosse dizer mais, mas finalmente pegou minha mochila antes que eu pudesse segurá-la. — Você está certa.

— E eu só vou ficar aqui até ganhar dinheiro suficiente para a faculdade. Há lugares suficientes por aqui onde posso conseguir dinheiro decente com gorjetas, suponho?

Ele parecia aliviado por eu querer trabalhar. Ele achou que eu viveria as custas dele?

— Há lugares mais do que suficientes, mas poucos que são adequados para uma garota como você.

Eu balancei minha cabeça com um sorriso. — Não se preocupe. Posso lidar com bêbados.

— Eu não estou preocupado com eles, — disse ele nervosamente.

Fabiano

— Você está realmente pensando em trabalhar com a Famiglia? — Eu ofeguei quando desviei de um chute apontado para a minha cabeça. — Eu te contei como eles foderam com a Outfit.

Enfiei meu punho enfaixado na lateral de Remo, então tentei chutar as pernas dele e levei um soco no meu estômago. Eu saltei para trás, fora do alcance de Remo. Então fingi um ataque pela esquerda, mas chutei com a perna direita. O braço de Remo se ergueu, protegendo a cabeça e tomando toda a força do meu chute. Ele não caiu. — Eu não quero trabalhar com eles. Não com o maldito Luca Vitiello, nem com o fodido Dante Cavallaro. Nós não precisamos deles.

— Então por que me mandar para Nova York? — Perguntei.

Remo pousou dois socos rápidos no meu lado esquerdo. Respirei fundo e bati meu cotovelo no ombro dele. Ele assobiou e se afastou, mas eu o peguei. Seu braço estava pendurado, eu desloquei seu ombro. Meu movimento favorito.

— Recusando abertamente? — Ele perguntou meio em tom de brincadeira, sem dar nenhuma indicação de que estava em agonia.

— Você deseja.

Remo gostava de quebrar coisas. Não achei que ele gostasse de algo mais. Às vezes achava que ele queria que eu

me revoltasse para que pudesse me quebrar, porque seria seu maior desafio. Eu não tinha intenção de dar a ele a chance. Não que ele teria sucesso.

Ele olhou e se lançou em mim. Eu mal desviei dos seus dois primeiros chutes, o terceiro bateu no meu peito. Fui jogado no ringue de boxe e quase perdi o equilíbrio, mas me apoiei agarrando a corda. Eu rapidamente me endireitei e levantei meus punhos.

— Oh foda-se essa merda, — Remo rosnou. Ele agarrou seu braço e tentou realocar seu ombro. — Eu não posso lutar com essa merda de membro inútil.

Eu abaixei minhas mãos. — Então você desiste?

— Não, — disse ele. — Empate.

— Empate, — eu concordei. Nunca houve nada a não ser empate em nossas lutas, exceto no primeiro ano quando era um garoto magricela, sem a menor ideia de como lutar. Nós dois éramos lutadores muito fortes, muito acostumados à dor, indiferentes demais se viveríamos ou morreríamos. Se alguma vez lutássemos até o fim, nós dois acabaríamos mortos, sem dúvida. Peguei uma toalha do chão e limpei sangue e suor do meu peito e braços.

Com um grunhido, Remo finalmente conseguiu fixar seu braço. Se eu tivesse ajudado, teria sido mais rápido e menos doloroso. Ele nunca me deixaria. A dor não significava nada para ele. Nem para mim.

Eu joguei uma toalha limpa nele e ele pegou com o braço ferido para provar um ponto. Ele secou o cabelo, mas só conseguiu espalhar o sangue de um corte em sua cabeça por todo o cabelo preto. Ele largou a toalha sem cerimônia. Sua cicatriz que ia da têmpora esquerda até a bochecha esquerda

estava vermelha da luta.

— Então por quê? — Eu perguntei, removendo as ataduras manchadas de vermelho ao redor dos meus dedos e pulso.

— Eu quero ver como as coisas estão indo por lá. Estou curioso. Isso é tudo. E gosto de conhecer meus inimigos. Você será capaz de reunir mais informações do que qualquer um de nós apenas observando-os interagir. Mas, acima de tudo, quero enviar-lhes uma mensagem clara. — Seus olhos escuros se tornaram duros. — Você não está pensando em brincar de família feliz com suas irmãs e se tornar um dos cachorrinhos de Vitiello?

Eu levantei uma sobrancelha. Mais de cinco anos. E ele realmente tinha que perguntar? Saltei sobre o ringue de boxe e aterrissei no chão do outro lado, quase sem som algum. — Eu pertenço à Camorra. Quando todos eles me abandonaram, você me acolheu. Você me fez quem eu sou hoje, Remo. Você deveria ser mais esperto do que me acusar de ser um traidor. Eu sacrificaria minha vida por você. E se for preciso, levarei a Outfit e a Famiglia para o inferno comigo.

— Um dia você terá sua chance, — disse ele.

De dar a minha vida por ele, ou derrubar as outras famílias?

— Eu tenho outra tarefa para você.

Eu assenti. Esperava isso. Ele segurou meus olhos. — Você é o único que pode se aproximar de Aria. Ela é a fraqueza de Vitiello.

Mantive minha expressão impassível.

— Traga-a para mim, Fabiano.

— Morta ou viva?

Ele sorriu. — Viva. Se você a matar, Vitiello vai ficar violento, mas se tivermos a esposa dele, ele será nosso fantoche.

Eu não tive que perguntar por que ele tinha interesse em derrubar a Famiglia. Nós não precisávamos do seu território e não valia muito, desde que Dante possuísse tudo no meio. Nós estávamos ganhando dinheiro suficiente no Ocidente. Remo queria vingança. Luca cometera um erro ao acolher o ex-Executor da Camorra, e cometera um erro ainda maior quando mandou o homem de volta para matar muitos Camorristas de alta patente enquanto Las Vegas não possuía um Capo forte para liderar a cidade. Antes de Remo.

— Considere feito.

Remo inclinou a cabeça. — Seu pai foi um idiota por negligenciar seu valor. Mas é assim que os pais são. O meu nunca teria permitido que eu me tornasse Capo. É uma pena que não consegui matá-lo eu mesmo.

Isso era algo que Remo me invejava. Eu ainda podia matar meu pai e um dia iria.

Fazia anos desde a última vez que pisei em Nova York. Eu nunca gostei muito da cidade. Não significava nada além de perda para mim.

O segurança na frente do Sphere me avaliou rapidamente quando me aproximei. Eu detectei outro segurança no telhado. A rua estava deserta, exceto por nós. Isso não mudaria até muito mais tarde, quando os primeiros clientes tentassem entrar.

Eu parei na frente do segurança. Ele descansou a mão na arma em seu suporte de quadril. Ele não seria rápido o suficiente. — Fabiano Scuderi, — eu disse simplesmente. Claro que ele sabia. Todos eles sabiam. Sem uma palavra, me deixou entrar na sala de espera. Dois homens barraram meu caminho até lá. — Armas, — um deles ordenou, apontando para uma mesa.

— Não, — eu disse.

O mais alto dos dois, vários centímetros mais baixo que eu, aproximou seu rosto do meu. — O que foi isso?

— Isso foi um não. Se você é surdo ou estúpido demais para me entender, chame alguém que possa. Estou perdendo a paciência.

A cabeça do homem ficou vermelha. Bastaria três movimentos para arrancar a cabeça de seu corpo. — Diga ao Capo que ele está aqui e se recusa a deixar suas armas.

Se ele achava que poderia me intimidar com a menção de Luca, estava enganado. A época em que o temia e o admirava havia ficado no passado há muito tempo. Ele era perigoso, sem dúvida, mas eu também.

Eventualmente, ele voltou e finalmente fui autorizado a passar pelo vestiário e pista de dança iluminados de azul, em seguida, até o porão. Bom lugar se alguém quisesse impedir que pessoas de fora ouvissem gritos. Isso também não conseguiu me incomodar. A Famiglia não conhecia muito bem

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Twisted Loyalties"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).